

Biografia de
Allan Kardec



Allan Kardec

Anna Blackwell

TRADUÇÃO: Rogério Miguez

REVISÃO: Irmãos W e Jorge Hessen

BIOGRAFIA DE ALLAN KARDEC

Anna Blackwell

Tradução: Rogério Miguez

Revisão: Irmãos W. e Jorge Hessen

Publicação:

www.autoresespiritasclassicos.com

Versão digitalizada:

© 2017



Índice

Controle universal do ensino dos Espíritos — pag. 4

Prefácio por Rogério Miguez — pag. 14

Biografia de Allan Kardec — pag. 17

Biography of Allan Kardec — pag. 27

Epílogo por Jorge Hessen — pag. 36

Controle Universal do Ensino dos Espíritos

Se a doutrina espírita fosse uma concepção puramente humana, não teria como garantia senão as luzes daquele que a tivesse concebido. Ora, ninguém neste mundo poderia ter a pretensão de possuir, sozinho, a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelaram se houvessem manifestado a apenas um homem, nada lhe garantiria a origem, pois seria necessário crer sob palavra no que dissesse haver recebido os seus ensinamentos. Admitindo-se absoluta sinceridade de sua parte, poderia no máximo convencer as pessoas do seu meio, e poderia fazer sectários, mas não chegaria nunca a reunir a todos.

Deus quis que a nova revelação chegasse aos homens por um meio mais rápido e mais autêntico. Eis porque encarregou os Espíritos de a levarem de um polo ao outro, manifestando-se por toda parte, sem dar a ninguém o privilégio exclusivo de ouvir a sua palavra. Um homem pode ser enganado e pode enganar-se a si mesmo, mas não aconteceria assim, quando milhões veem e ouvem a mesma coisa: isto é uma garantia para cada um e para todos. Demais, pode fazer-se desaparecer um homem, mas não se faz desaparecer as massas; podem-se queimar livros, mas não se podem queimar Espíritos. Ora, queimem-se todos os livros, e a fonte da doutrina não será menos inesgotável, porque não se encontra na Terra, surge de toda parte e cada um pode captá-la. Se faltarem homens para propagá-la, haverá sempre os Espíritos, que atingem a todos e que ninguém pode atingir.

São realmente os próprios Espíritos que fazem a propaganda, com

a ajuda de inumeráveis médiuns, que eles despertam por toda parte. Se houvesse um intérprete único, por mais favorecido que esse fosse, o Espiritismo estaria apenas conhecido. Esse intérprete, por sua vez, qualquer que fosse a sua categoria, provocaria a prevenção de muitos; não seria aceito por todas as nações. Os Espíritos, entretanto, comunicando-se por toda parte, a todos os povos, a todas as seitas e a todos os partidos, são aceitos por todos. O Espiritismo não tem nacionalidade, independe de todos os cultos particulares, não é imposto por nenhuma classe social, visto que cada um pode receber instruções de seus parentes e amigos de além-túmulo. Era necessário que assim fosse, para que ele pudesse conclamar todos os homens à fraternidade, pois se não se colocasse em terreno neutro, teria mantido as dissensões, em lugar de apaziguá-las.

Esta universalidade do ensino dos Espíritos faz a força do Espiritismo, e é ao mesmo tempo a causa de sua tão rápida propagação. Enquanto a voz de um só homem, mesmo com o auxílio da imprensa, necessitaria de séculos para chegar aos ouvidos de todos, eis que milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente, em todos os pontos da Terra, para proclamar os mesmos princípios e os transmitir aos mais ignorantes e aos mais sábios, a fim de que ninguém seja deserdado. É uma vantagem de que não pode gozar nenhuma das doutrinas aparecidas até hoje. Se, portanto, o Espiritismo é uma verdade, ele não teme nem a má vontade dos homens, nem as resoluções morais, nem as transformações físicas do globo, porque nenhuma dessas coisas pode atingir os Espíritos.

Mas não é esta única vantagem que resulta dessa posição excepcional. O Espiritismo ainda encontra nela uma poderosa garantia contra os cismas que poderiam ser suscitados, quer pela ambição de alguns, quer pelas contradições de certos Espíritos. Essas contradições são certamente um escolho, mas carregam em si mesmas o remédio ao lado do mal.

Sabe-se que os Espíritos, em consequência das suas diferenças de capacidade, estão longe de possuir individualmente toda a verdade; que não é dado a todos penetrar certos mistérios; que o seu saber é

proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares não sabem mais do que os homens; que há, entre eles, como entre estes, presunçosos e falsos sábios, que creem saber aquilo que não sabem; sistemáticos, que tomam suas próprias ideias pela verdade; enfim, que os Espíritos da ordem mais elevada, que são completamente desmaterializados, são os únicos libertos das ideias e das preocupações terrenas. Mas sabe-se também que os Espíritos embusteiros não têm escrúpulos para esconder-se atrás de nomes emprestados, a fim de fazerem aceitar suas utopias. Disso resulta que, para tudo o que está fora do ensino exclusivamente moral, as revelações que alguém possa obter são de caráter individual, sem autenticidade, e devem ser consideradas como opiniões pessoais deste ou daquele Espírito, sendo imprudência aceitá-las e propagá-las levemente como verdades absolutas.

O primeiro controle é, sem contradição, o da razão, ao qual é necessário submeter, sem exceção, tudo o que vem dos Espíritos. Toda teoria em contradição manifesta com o bom-senso, com uma lógica rigorosa, e com os dados positivos que possuímos, por mais respeitável que seja o nome que a assine, deve ser rejeitada. Mas esse controle é incompleto para muitos casos, em virtude da insuficiência de conhecimentos de certas pessoas, e da tendência de muitos, de tomarem seu próprio juízo por único árbitro da verdade. Em tais casos, que fazem os homens que não confiam absolutamente em si mesmos? Aconselham-se com os outros, e a opinião da maioria lhes serve de guia. Assim deve ser no tocante ao ensino dos Espíritos, que nos fornecem por nós mesmos os meios de controle.

A concordância do ensino dos Espíritos é, portanto, o seu melhor controle, mas é ainda necessário que ela se verifique em certas condições. A menos segura de todas é quando um médium interroga por si mesmo numerosos Espíritos, sobre uma questão duvidosa. É claro que, se ele está sob o império de uma obsessão, ou se tem relações com um Espírito embusteiro, este Espírito pode dizer-lhe a mesma coisa sob nomes diferentes. Não há garantia suficiente, da mesma maneira, na concordância que se possa obter pelos médiuns de um mesmo centro,

porque eles podem sofrer a mesma influência.

A única garantia segura do ensino dos Espíritos está na concordância das revelações feitas espontaneamente, através de um grande número de médiuns, estranhos uns aos outros, e em diversos lugares.

Compreende-se que não se trata aqui de comunicações relativas a interesses secundários, mas das que se referem aos próprios princípios da doutrina. A experiência prova que, quando um novo princípio deve ser revelado, ele é ensinado espontaneamente, ao mesmo tempo, em diferentes lugares, e de maneira idêntica, senão na forma, pelo menos quanto ao fundo. Se, portanto, apraz a um Espírito formular um sistema excêntrico, baseado em suas próprias ideias e fora da verdade, pode-se estar certo de que esse sistema ficará circunscrito, e cairá diante da unanimidade das instruções dadas por toda parte, como já mostraram numerosos exemplos. É esta unanimidade que tem posto abaixo todos os sistemas parciais surgidos na origem do Espiritismo, quando cada qual explicava os fenômenos do mundo visível com o mundo invisível.

Esta é a base em que nos apoiamos, para formular um princípio da doutrina. Não é por concordar ele com as nossas ideias, que o damos como verdadeiro. Não nos colocamos, absolutamente, como árbitro supremo da verdade, e não dizemos a ninguém: “Crede em tal coisa, porque nós vo-la dizemos”. Nossa opinião não é, aos nossos próprios olhos, mais do que uma opinião pessoal, que pode ser justa ou falsa, porque não somos mais infalíveis do que os outros. E não é também porque um princípio nos foi ensinado que o consideramos verdadeiro, mas porque ele recebeu a sanção da concordância.

Nossa posição, recebendo as comunicações de cerca de mil centros espíritas sérios, espalhados pelos mais diversos pontos do globo, estamos em condições de ver quais os princípios sobre que essa concordância se estabelece. É esta observação que nos tem guiado até hoje, e é igualmente ela que nos guiará, através dos novos campos que o Espiritismo está convocado a explorar.

E assim que, estudando atentamente as comunicações recebidas de diversos lugares, tanto da França como do exterior, reconhecemos, pela

natureza toda especial das revelações, que há uma tendência para entrar numa nova via, e que chegou o momento de se dar um passo à frente. Essas revelações, formuladas às vezes com palavras veladas, passaram quase sempre despercebidas para muitos daqueles que as obtiveram, e muitos outros acreditaram tê-las recebido sozinhos. Tomadas isoladamente, elas seriam para nós sem valor; somente a coincidência lhes confere gravidade. Depois, quando chega o momento de publicá-las, cada um se lembrará de haver recebido instruções no mesmo sentido. É esse o movimento geral que observamos e estudamos, com a assistência dos nossos guias espirituais, e que nos ajuda a avaliar a oportunidade de fazermos uma coisa ou de nos abstermos.

Esse controle universal é uma garantia para a unidade futura do Espiritismo, e anulará todas as teorias contraditórias. É nele que, no futuro, se procurará o *criterium* da verdade. O que determinou o sucesso da doutrina formulada em ***O Livro dos Médiuns***, foi que, por toda parte, cada qual pode receber, diretamente dos Espíritos, a confirmação do que eles afirmavam. Se, de todas as partes, os Espíritos os contradissem, esses livros teriam, após tão longo tempo, sofrido a sorte de todas as concepções fantásticas. O apoio mesmo da imprensa não os teria salvado do naufrágio, enquanto que, privados desse apoio, não deixaram de fazer rapidamente o seu caminho, porque tiveram o dos Espíritos, cuja boa vontade compensou, com vantagem, a má vontade dos homens. Assim acontecerá com todas as ideias manadas dos Espíritos ou dos homens, que puderem suportar a prova desse controle, cujo poder ninguém pode contestar.

Suponhamos, portanto, que alguns Espíritos queiram ditar, com qualquer título, um livro de sentido contrário; suponhamos mesmo que, com intenção hostil, e com o fim de desacreditar a doutrina, a malevolência suscitasse comunicações apócrifas. Que influência poderia ter esses escritos, se eles são desmentidos de todos os lados pelos Espíritos? É da adesão desses últimos que se precisa assegurar, antes de lançar um sistema em seu nome. Do sistema de um só ao sistema de todos, há a distância da unidade ao infinito. Que podem, mesmo, todos os argumentos dos detratores contra a opinião das massas, quando

milhões de vozes amigas, vindas do espaço, chegam de todas as partes do Universo, e no seio de cada família os repelem vivamente? A experiência já não confirmou a teoria, no tocante a este assunto? Que foi feito de todas essas publicações que deviam, segundo afirmavam, destruir o Espiritismo? Qual delas conseguiu, pelo menos, deter-lhe a marcha? Até hoje não se havia consideração à questão desse ponto de vista, sem dúvida um dos mais graves: cada um contou consigo mesmo, sem contar com os Espíritos.

O princípio da concordância é ainda uma garantia contra as alterações que em proveito próprio, pretendessem introduzir no Espiritismo as seitas que dele quisessem apoderar-se, acomodando-o à sua maneira. Quem quer que tente fazê-lo desviar de seu fim providencial fracassaria, pela bem simples razão de que os Espíritos, através da universalidade dos seus ensinamentos, farão cair toda modificação que se afaste da verdade.

Resulta de tudo isto uma verdade capital: é que quem desejasse atravessar-se na corrente de ideias estabelecida e sancionada, poderia provocar uma pequena perturbação local e momentânea, mas jamais dominar o conjunto, mesmo no presente, quanto menos no futuro.

E resulta mais, que as instruções dadas pelos Espíritos, sobre os pontos da doutrina ainda não esclarecidos, não teriam força de lei, enquanto permanecessem isolados, só devendo, por conseguinte, ser aceitas sob todas as reservas, a título de informações.

Daí a necessidade da maior prudência na sua publicação, e no caso de julgar-se que devem ser publicadas, só devem ser apresentadas como opiniões individuais, mais ou menos prováveis, mas tendo, em todo o caso, necessidade de confirmação. È esta confirmação que se deve esperar, antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, se não se quiser ser acusado de leviandade ou de credulidade irrefletida.

Os Espíritos Superiores procedem, nas suas revelações, com extrema prudência. Só abordam as grandes questões da doutrina de maneira gradual, á medida que a inteligência se torna apta a compreender as verdades de uma ordem mais elevada, e que as circunstâncias são propícias para a emissão de uma ideia nova. Eis

porque, desde o começo, eles não disseram tudo, e nem o disseram até agora, não cedendo jamais á impaciência de pessoas muito apressadas, que desejam colher os frutos antes de amadurecerem. Seria, pois, inútil, querer antecipar o tempo marcado pela Providência para cada coisa porque então os Espíritos verdadeiramente sérios recusam-se positivamente a ajudar. Os Espíritos levianos, porém, pouco se incomodando com a verdade, a tudo respondem. É por essa razão que, sobre todas as questões prematuras, há sempre respostas contraditórias.

Os princípios acima não são o resultado de uma teoria pessoal, mas a forçosa consequência das condições em que os Espíritos se manifestam. È evidente que, se um Espírito diz uma coisa num lugar, enquanto milhões dizem o contrário por toda parte, a presunção de verdade não pode estar com aquele que ficou só, e nem se aproximar da sua opinião, pois pretender que um só tenha razão, contra todos, seria tão ilógico de parte de um Espírito como de parte dos homens. Os Espíritos verdadeiramente sábios, quando não se sentem suficientemente esclarecidos sobre uma questão, não a resolvem jamais de maneira absoluta. Declaram tratar do assunto de acordo com a sua opinião pessoal, e aconselham esperar-se a confirmação.

Por maior, mais bela e justa que seja uma ideia, é impossível que reúna, desde o princípio, todas as opiniões. Os conflitos de que dela resultam são a consequência inevitável do movimento que se processa, e são mesmo necessários, para melhor fazer ressaltar a verdade, È também útil que eles surjam no começo, para que as ideias falsas sejam mais rapidamente desgastadas. Os espíritas que revelam alguns temores devem ficar tranquilos. Todas as pretensões isoladas cairão, pela força mesma das coisas, diante do grande e poderoso critério do controle universal.

Não será pela opinião de um homem que se produzirá a união, mas pela unanimidade da voz dos Espíritos. Não será um homem, e muito menos nós que qualquer outro, que fundará a ortodoxia espírita. Nem será tampouco um Espírito, vindo impor-se a quem quer que seja. È a universalidade dos Espíritos, comunicando-se sobre toda a Terra, por

ordem de Deus. Este é o caráter essencial da doutrina espírita, nisto está a sua força e a sua autoridade. Deus quis que a sua lei fosse assentada sobre uma base inabalável, e foi por isso que não a fez repousar sobre a cabeça frágil de um só.

È diante desse poderoso areópago, que nem conhece o conluio, nem as rivalidades ciumentas, nem o sectarismo, nem as divisões nacionais, que virão quebrar-se todas as oposições, todas as ambições, todas as pretensões à supremacia individual, que nos quebraríamos nós mesmos, se quiséssemos substituir esses decretos soberanos por nossas próprias ideias. Será ele somente que resolverá todas as questões litigiosas, que fará calar as dissidências e dará falta ou razão a quem de direito. Diante desse grandioso acordo de todas as vozes do céu, que pode a opinião de um homem ou de um Espírito? Menos que uma gota d'água que se perde no oceano, menos que a voz de uma criança abafada pela tempestade.

A opinião universal, eis, portanto o juiz supremo, aquele que pronuncia em última instância. Ela se forma de todas as opiniões individuais. Se uma delas é verdadeira, tem na balança o seu peso relativo; se uma é falsa, não pode sobrepujar as outras. Nesse imenso concurso, as individualidades desaparecem, e eis aí um novo revés para o orgulho humano.

Esse conjunto harmonioso já se esboça; portanto, este século não passará antes que ele brilhe em todo o seu esplendor, de maneira a resolver todas as incertezas; porque daqui para diante vozes poderosas terão recebido a missão de se fazerem ouvir, para reunir os homens sob a mesma bandeira, uma vez que o campo esteja suficientemente preparado. Enquanto isso, aquele que flutuar entre dois sistemas opostos poderá observar em que sentido se forma a opinião geral: é o indício seguro do sentido em que se pronuncia a maioria dos Espíritos, dos diversos pontos sobre os quais se comunicam; é um sinal não menos seguro de qual dos dois sistemas predominará.

O Evangelho Segundo O Espiritismo, Allan Kardec

Introdução, item II: *Autoridade da Doutrina Espírita, Controle Universal do Ensino dos Espíritos*



O egoísmo é a fonte de todos os vícios, como a caridade o é de todas as virtudes. Destruir um e desenvolver a outra, tal deve ser o alvo de todos os esforços do homem, se quiser assegurar a sua felicidade neste mundo, tanto quanto no futuro.

O Livro dos Espíritos, Allan Kardec
Comentário à questão 917

A cada geração uma parte do véu se dissipa. O Espiritismo veio para rasgá-lo de alto a baixo; mas, enquanto espera, conseguiu ele unicamente corrigir num homem um único defeito que fosse e já o haveria ajudado a dar um passo.

O Livro dos Espíritos, Allan Kardec
Comentário à questão 800

Se o Espiritismo pudesse ser retardado em sua marcha, não o seria pelos ataques abertos de seus inimigos declarados, mas pelo zelo irrefletido dos amigos imprudentes.

Revista Espírita, Allan Kardec
Junho de 1862: Ensinos e dissertações espíritas - 'O Espiritismo filosófico'

Prefácio

Por: **Rogério Miguez**

Pesquisando sobre a vida de Léon-Denizarth-Hippolyte Rivail, deparei-me com uma referência contida no site da Associação de Divulgação da Doutrina Espírita - ADDE sobre uma biografia do Mestre elaborada por Anna Blackwell (1816-1900), jornalista, professora, escritora, poetisa e tradutora profissional, citada em um artigo de Jorge Hessen, a qual jamais havia tomado conhecimento. Esta biografia faz parte da introdução da primeira tradução para o inglês de ***O Livro dos Espíritos***, com íntegra da cópia no site Autores Espíritas Clássicos, feita a pedido de Allan Kardec à Anna Blackwell, de quem foi amigo pessoal.

São algumas páginas de uma descrição detalhada de traços da personalidade de Allan Kardec, entre outras informações clássicas.

Como ainda não havia este relato em português, sendo do meu conhecimento, e considerando ser de grande valia a toda comunidade espírita tomar ciência de mais uma biografia em nosso idioma, dediquei algumas horas para traduzir o texto da poetisa, possibilitando assim a todos se envolver, como me envolvi, na visão da autora sobre a família Rivail, particularmente sobre o Mestre de Lyon.

Apreendi muito com a narrativa da tradutora e pude me transportar àqueles tempos, imaginando o Mestre caminhando pelas montanhas, em suas horas vagas, sem pressa, nos finais de semana ou em suas férias, talvez também nos intervalos das lições hauridas no Instituto Pestalozzi, em busca de novas plantas para a sua particular coleção, como bem registrado pela biógrafa.

Tempos monumentais aqueles, quando a Terra recebia mais uma

vez um Espírito superior, ajudando a promover o progresso da Humanidade, pois como bem registrado no próprio ***O Livro dos Espíritos***, livro este que motivou Anna Blackwell a escrever sobre Kardec, quando Deus tem uma missão importante a ser executada, escolhe Espíritos que não irão falhar na particular tarefa. Tempos só superados pelos inesquecíveis momentos quando o Mestre da Galileia por aqui passou semeando e cultivando plantas e flores, seus ensinamentos, de inigualáveis perfumes.

Muito me emocionou dedicar umas poucas horas a esta pequeníssima tarefa, tão singela e insignificante quando comparada ao imenso trabalho de muitos dedicados espíritas anônimos desenvolvendo, há bom tempo, as bases para disseminar a Doutrina dos Espíritos aqui, na Terra do Cruzeiro. Engajados que estão na divulgação do Espiritismo, por entenderem ser a Doutrina aquela que de fato difunde a verdadeira luz, a todos nós ainda míopes e cegos pelas muitas imperfeições a nos caracterizar, construídas e trazidas de outras tantas existências.

Temos, para nosso deleite, este material riquíssimo em detalhes e pormenores sobre a vida daquele que deve sempre nos inspirar, seja pelo seu esforço, dedicação, fidelidade à sua missão, amor extremado pela Humanidade; seja pelos exemplos deixados de resignação e aceitação dos desígnios de Deus, quando estes pareciam lhe dizer estar tudo perdido. Não foram poucos os revezes enfrentados por este valoroso filho da cidade de Lyon, entretanto, soube este Espírito de escol, com galhardia, superá-los a todos, um a um, e ao final de mais uma existência deixar um legado de incomensurável valor para toda a Humanidade.

Emmanuel, uma vez registrou: *Ave, Cristo! os que aspiram à glória de servir em teu nome te glorificam e saúdam!* E nós outros, pequeninos ainda diante de tão grande demonstração de fé raciocinada, deixada pelo Escolhido de Lyon, também podemos fazer ressoar aquelas palavras de Emmanuel, traduzindo aquele brado Emmanunelino por estas outras palavras: Que nos façamos merecedores do legado deixado a todos nós por este singular Espírito Allan Kardec, nós que também

desejamos servir incondicionalmente a causa que Kardec abraçou com extremada dedicação, que Deus nos permita sempre, estar lado a lado com Kardec, honrando a sua memória através de exemplos e devoção ao próximo, como ele bem nos exemplificou durante toda a sua profícua existência.

À Anna Blackwell, onde estiver, caríssima Amiga, a nossa sincera estima e agradecimento, por nos ter deixado estas poucas palavras escritas, mas de grande significação, a nos ajudar no entendimento e delineamento do caráter e da estatura moral de mais um valoroso filho da França: Allan Kardec.

São Paulo, 29 de julho de 2017



Anna Blackwell

Biografia de Allan Kardec

Inserida na edição de tradução para o inglês de
O Livro dos Espíritos de Allan Kardec
(*The Spirit's Book* - Boston, 1875)

Por **Anna Blackwell**

Tradução por: **Rogério Miguez**

Ao apresentar aos compatriotas uma obra que desde há muito obteve uma ampla aceitação no Continente, a tradutora considerou que uma breve nota sobre seu autor e das circunstâncias em que foi produzida podia ser de interesse aos leitores ingleses.

Hippolyte-Léon Denizard Rivail, mais conhecido por seu pseudônimo de escritor **Allan Kardec**, nasceu em Lyon, no dia 4 de outubro de 1804, de uma antiga família de Bourg-en-Bresse, que havia honrosamente se distinguido durante muitas gerações na magistratura e no tribunal. Seu pai, como seu avô, era um advogado de boa reputação e alto caráter; sua mãe, notavelmente bonita, realizada, elegante e amável, era objeto, de sua parte, de um carinho profundo e venerado, mantido inalterado ao longo de toda a vida.

Educado na Instituição de Pestalozzi, em Yverdun (Cantão de Vaud), ele adquiriu em uma idade precoce o hábito da investigação e a liberdade de pensamento de que sua vida posterior estava destinada a

fornecer um exemplo tão impressionante. Dotado pela natureza com uma paixão pelo ensino, dedicou-se, a partir dos quatorze anos, a ajudar nos estudos dos seus colegas de escola menos avançados do que ele; tal era a sua afeição pela botânica, que ele costumava passar um dia inteiro entre as montanhas, caminhando vinte ou trinta milhas, com uma mochila nas costas, em busca de espécimes para seu herbário. Nascido em um país Católico, mas educado numa região Protestante, ele começou, enquanto ainda era um mero menino, a meditar sobre os meios de criar uma unidade de crença entre as várias seitas cristãs — um projeto de reforma religiosa em que trabalhou em silêncio por muitos anos, mas sem chance de sucesso, pois os elementos da solução desejada não estavam naquele momento em sua posse.

Tendo terminado os estudos em Yverdun, ele retornou a Lyon em 1824, com a intenção de se dedicar ao Direito; mas vários atos de intolerância religiosa a que ele inesperadamente se viu submetido levaram-no a renunciar à ideia de encaixar-se em um tribunal e a ocupar sua morada em Paris, onde se dedicou por algum tempo à tradução para o alemão de Telemachus e outros livros franceses padrão para a juventude. Tendo decidido sobre sua carreira, ele comprou, em 1828, um estabelecimento de educação grande e florescente para meninos, e dedicou-se ao trabalho do ensino, para o qual, por seus gostos e habilidades, ele estava peculiarmente ajustado. Em 1830, ele contratou, às suas custas, um grande salão na Rua de Sèvres, e abriu no local cursos e palestras gratuitas sobre Química, Física, Anatomia Comparativa e Astronomia. Essas palestras, mantidas por ele durante um período de dez anos, foram altamente bem-sucedidas, contando com a audiência de mais de 500 pessoas de todas as categorias da sociedade, muitas das quais alcançaram a eminência no mundo científico.

Sempre desejoso de tornar a instrução atraente e rentável, ele inventou um engenhoso método de computação e construiu uma tabela mnemotécnica da história da França, para ajudar os alunos a lembrar os notáveis eventos e descobertas de cada reinado.

Das inúmeras obras educativas publicadas por ele podem ser mencionadas: *Um Plano para a Melhoria da Instrução Pública*,

apresentado por ele em 1828 à Câmara Legislativa francesa, sendo altamente exaltado por tal órgão, embora não tivessem deliberado sobre; Um *Curso de Aritmética Prática e Teórica*, no Sistema Pestalozziano, para o uso de Professores e Mães (1829); Uma *Gramática Clássica da Língua Francesa* (1831); Um *Manual para o uso de Candidatos para Exame nas Escolas Públicas, com Soluções Explicativas de vários Problemas de Aritmética e Geometria* (1848); *Dicionários Normais para os Exames da Prefeitura e da Sorbonne, com Dicionários Especiais sobre Dificuldades Ortográficas* (1849). Essas obras, altamente estimadas no momento da sua publicação, ainda estão em uso em muitas escolas francesas; e seu autor estava preparando novas edições de algumas delas no momento da sua morte.

Ele era membro de várias sociedades de renome; entre outras, da Sociedade Real de Arras, que, em 1831, lhe concedeu o Prêmio de Honra por um ensaio notável sobre a questão: "Qual é o Sistema de Estudo mais em Harmonia com as Necessidades da Época?" Ele foi por vários anos Secretário da Sociedade Frenológica de Paris e participou ativamente dos trabalhos da Sociedade do Magnetismo, dedicando muito tempo à investigação prática do sonambulismo, transe, clarividência e de vários outros fenômenos relacionados à ação mesmérica. Este breve resumo de seus trabalhos, bastará para mostrar sua atividade mental, a variedade de seu conhecimento, a inclinação eminentemente prática de sua mente e seu constante esforço para ser útil aos seus semelhantes.

Quando, por volta de 1850, o fenômeno da "mesa girante" atraía a atenção da Europa acompanhando outro fenômeno até então conhecido como "espírita", ele rapidamente adivinhou a natureza real desses fenômenos, como prova da existência de uma ordem de relacionamentos até então suspeitos, mas não conhecidos — isto é, aqueles que unem os mundos visível e invisível. Prevendo a vasta importância, à ciência e à religião, de tal extensão no campo da observação humana, ele entrou imediatamente em uma investigação cuidadosa dos novos fenômenos. Um amigo dele tinha duas filhas que se tornaram o que agora são chamados de "médiuns". Eram meninas

alegres, vivas e amigáveis, apaixonadas pela sociedade, danças e diversões, e habitualmente recebiam, quando "sentadas" sozinhas ou com seus jovens companheiros, "comunicações" em sintonia com suas disposições mundanas e um tanto frívolas. Mas, para surpresa de todos os interessados, descobriu-se que, sempre que ele estava presente, as mensagens transmitidas através dessas jovens senhoras eram de caráter muito sério e grave; e sobre suas indagações às inteligências invisíveis quanto à causa dessa mudança, ele foi informado de que "Espíritos de uma ordem muito superior àqueles que habitualmente se comunicavam através das duas jovens médiuns vieram expressamente para ele, e continuariam a fazê-lo, para capacitá-lo a cumprir uma importante missão religiosa".

Muito espantado com este anúncio tão inesperado, ele imediatamente resolveu testar a sua veracidade elaborando uma série de questões progressivas em relação aos vários problemas da vida humana e do universo em que nos encontramos, e as submeteu aos seus invisíveis interlocutores, recebendo respostas às mesmas através da instrumentalidade das duas jovens médiuns, que voluntariamente consentiram em dedicar algumas noites todas as semanas a esse propósito, e que assim obteve, por meio de batidas de mesa e escrita de pranchetas, respostas que se tornaram a base da teoria espírita, a qual elas eram pouco capazes de avaliar bem como de inventar.

Quando essas conversas estavam acontecendo há quase dois anos, ele comentou um dia com sua esposa, em referência ao desenrolar dessas observações, ao que ela acompanhou com inteligente simpatia: "É uma coisa muito curiosa! Minhas conversas com as inteligências do invisível revolucionaram completamente minhas ideias e convicções. As instruções transmitidas constituem uma teoria inteiramente nova da vida, do dever e do destino humanos, que me parece perfeitamente racional e coerente, admiravelmente lúcida e consoladora, e intensamente interessante. Tenho bem em mente publicar essas conversas em um livro; pois me parece que o que me interessa tão profundamente provavelmente possa ser interessante para os outros". Sua esposa aprovou calorosamente a ideia, depois ele enviou-a para

seus interlocutores invisíveis, que responderam, da maneira usual, que eram eles que haviam sugerido isto na sua mente, que suas comunicações haviam sido feitas para ele, mas não para ele sozinho, porém para o propósito expresso de ser dado ao mundo como ele propôs fazer, e que chegou o momento de colocar este plano em execução. "Ao livro em que você incorporará nossas instruções", continuaram as inteligências comunicantes, "você dará, como nosso trabalho e não como o seu, o título de ***O Livro dos Espíritos***, e você o publicará, não sob seu próprio nome, mas sob o pseudônimo de Allan Kardec¹. Mantenha seu próprio nome de Rivail para seus próprios livros já publicados, mas pegue e mantenha o nome que lhe oferecemos para o livro que você está prestes a publicar pela nossa ordem e, em geral, para todo o trabalho que você terá que fazer no cumprimento da missão que, como já lhe dissemos, foi confiada a você pela Providência, e que irá se abrir gradualmente diante de você enquanto você continuar nela sob nossa orientação".

O livro assim produzido e publicado vendeu com grande rapidez, fazendo convertidos não apenas na França, mas em todo o Continente, e tornando o nome de Allan Kardec uma palavra familiar entre os leitores que o conheciam apenas em conexão com ela; de modo que ele foi chamado agora apenas com esse nome, exceto por seus velhos amigos pessoais, com quem tanto ele como sua esposa sempre mantiveram seu nome de família. Pouco depois da sua publicação, ele fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Psicológicos [Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas], da qual ele foi Presidente até sua morte, e que se reuniu todas as noites de sexta-feira em sua casa, com o objetivo de obter dos Espíritos, através de médiuns escreventes, instruções elucidativas sobre a verdade e o dever. Ele também fundou e editou até a sua morte uma revista mensal, intitulada ***Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos***, dedicada a advogar os pontos de vista expostos em ***O Livro dos Espíritos***.

Associações similares foram rapidamente formadas em todo o mundo. Muitos destes periódicos com mais ou menos importância

¹ Um antigo nome bretão na família da sua mãe.

foram publicados em apoio à nova doutrina; e todos transmitiram à Sociedade Parisiense o que de mais notável obtiveram sobre as comunicações dos espíritos recebidas por eles. Uma enorme quantidade de ensinamentos espirituais, única, tanto em quantidade quanto na variedade das fontes de onde foi obtida, encontrou-se assim nas mãos de Allan Kardec, por quem foi estudada, coligada, coordenada, com incansável zelo e devoção, durante um período de quinze anos. Dos materiais assim fornecidos a ele de cada quarto do globo, ele ampliou e completou **O Livro dos Espíritos**, sob a direção dos Espíritos por quem foi originalmente ditado; a "Edição Revisada" do trabalho trazido por ele em 1857 tornou-se o reconhecido livro-texto da escola de Filosofia Espiritualista tão intimamente associada ao seu nome. Dos mesmos materiais, ele compilou posteriormente quatro outras obras, a saber: **O Livro dos Médiuns** (um tratado prático sobre Mediunidade e Evocações), 1861; **O Evangelho segundo o Espiritismo** (uma exposição da moral do ponto de vista espírita), 1864; **O Céu e o Inferno** (uma prova da justiça do governo divino sobre a raça humana), 1865; e **A Gênese** (mostrando a concordância da teoria espírita com as descobertas da ciência moderna e com o tom geral do registro Mosaico, como explicado pelos Espíritos), 1867. Ele também publicou dois breves tratados, intitulados **O que é o Espiritismo?** e **O Espiritismo na sua Expressão mais Simples**.

Deve ser observado, em conexão com as obras que acabamos de enumerar, que Allan Kardec não era um "médium", e, por conseguinte, era obrigado a se beneficiar da mediunidade dos outros na obtenção das comunicações espirituais a partir das quais elas evoluíram. A teoria da vida e do dever, é tão diretamente relacionada com o seu nome e trabalhos que muitas vezes é erroneamente suposta ter sido o produto único de sua mente ou dos Espíritos em conexão imediata com ele, é, contudo, muito menos a expressão pessoal ou opinião individual do que qualquer outra das teorias espiritualistas até agora propostas; a base da filosofia religiosa estabelecida em suas obras não era, de modo algum, a produção de sua própria inteligência, mas era tão nova para ele como para qualquer um de seus leitores, tendo sido progressivamente obtida

por ele das declarações concorrentes de uma legião de Espíritos, através de muitos milhares de médiuns, desconhecidos uns dos outros, pertencentes a diferentes países e a toda a variedade de posições sociais.

Fisicamente, Allan Kardec estava um tanto abaixo da média de altura. Fortemente constituído, com uma cabeça grande, redonda, maciça, características bem marcadas e olhos claros e cinza, ele se parecia mais com um alemão do que com um francês. Enérgico e perseverante, mas de um temperamento que era calmo, cauteloso e sem imaginação quase com a frieza, incrédulo por natureza e pela educação, bem próximo de um lógico pensador, e eminentemente prático em pensamento e ação, ele era igualmente livre de misticismo e de entusiasmo. Desprovido de ambição, indiferente ao luxo e à exibição, a renda modesta que adquiriu do ensino e da venda de suas obras educativas era suficiente para o simples estilo de vida que ele havia adotado e permitiu-lhe dedicar todos os lucros decorrentes da venda de seus livros espíritas e da *Revista Espírita* à propagação do movimento iniciado por ele. Sua excelente esposa aliviou-o de todos os cuidados domésticos e mundanos, e assim o permitiu consagrar-se inteiramente à obra a que ele próprio se julgara chamado e que ele continuou com devoção inabalável, com exclusão de todas as desnecessárias ocupações, interesses e companhias, desde o momento em que ele iniciou a obra até a sua morte. Ele não fez visitas além de um pequeno círculo de amigos íntimos, e muito raramente se ausentou de Paris, passando seus invernos no coração da cidade, nos quartos onde publicou sua Revista e seus verões na Villa Ségur, um pequeno espaço semirural que ele construiu e plantou, como lar de sua velhice e de sua esposa, na região suburbana atrás do Champ de Mars, agora atravessado em todas as direções por amplas avenidas e sendo rapidamente edificado, mas que naquele tempo era uma espécie de terra não usada que ainda poderia passar para "o interior".

Grave, lento no discurso, sem pretensões, com certa dignidade silenciosa, resultante da seriedade e da simplicidade que eram os traços distintivos de seu caráter, nem cortejando nem evitando a discussão,

mas nunca se oferecendo a qualquer comentário sobre o assunto ao qual ele dedicou sua vida, recebeu com gentileza os inumeráveis visitantes de todas as partes do mundo que conversaram com ele em relação aos pontos de vista de que ele era o expoente reconhecido, respondendo perguntas e objeções, explicando dificuldades e dando informações para todos os inquiridores sérios, com quem falava com liberdade e animação, seu rosto ocasionalmente se iluminava com um sorriso genial e agradável, embora tal fosse sua sobriedade habitual de comportamento que nunca foi conhecido por rir.

Entre os milhares que lhe visitaram, muitos eram de alto nível nos mundos: social, literário, artístico e científico. O Imperador Napoleão III, cujo interesse pelos fenômenos espíritas não era um mistério, solicitou a sua presença várias vezes e realizou longas conversas com ele nas Tuileries sobre as doutrinas de ***O Livro dos Espíritos***.

Tendo sofrido por muitos anos de doença cardíaca, Allan Kardec elaborou, em 1869, o plano de uma nova organização espírita, que deveria continuar o trabalho de propaganda após sua morte. A fim de assegurar a sua existência, dando-lhe um estatuto jurídico e comercial, determinou que fosse constituída regularmente e constituída por uma empresa de publicação e venda de livros de responsabilidade limitada, constituída por um período de noventa e nove anos, com poder para comprar e vender, emitir ações, receber doações e legados, etc. Para esta sociedade, que deveria ser chamada Sociedade Anônima para a Continuação das Obras de Allan Kardec, ele pretendia legar os direitos autorais de seus escritos espíritas e da ***Revista Espírita***.

Mas Allan Kardec não estava destinado a testemunhar a realização do projeto em que ele tomou um interesse tão profundo, e que desde então tem sido realizado com toda a exatidão por sua viúva.

Em 31 de março de 1869, tendo acabado de elaborar a constituição e as regras da sociedade que devia tomar o lugar a partir do qual ele previu que logo seria removido, ele estava sentado em sua cadeira habitual em sua mesa de estudo, em um de seus quartos na Rua Saint' Anne, amarrando um monte de papéis, quando sua ocupada vida foi de repente atingida pela ruptura do aneurisma de que sofreu tanto tempo.

Sua passagem da terra para o mundo espiritual, com o qual se identificou tão intimamente, foi instantânea, indolor, sem um suspiro ou um tremor; um adormecimento pacífico e um redespertamento — um final apropriado a tal vida.

Seus restos mortais foram enterrados no cemitério de Montmartre², na presença de um grande concurso de amigos, muitas centenas de pessoas se reúnem todos os anos, no aniversário de sua partida, quando algumas palavras comemorativas são ditas, e flores e coroas frescas, como é usual nos cemitérios continentais, são colocados sobre o túmulo.

É impossível verificar com qualquer exatidão o número daqueles que adotaram os pontos de vista apresentados por Allan Kardec; estimados por si mesmos em muitos milhões, são incontestavelmente muito numerosos. Os periódicos dedicados à defesa desses pontos de vista em vários países já são mais de quarenta, e novos estão constantemente aparecendo. A morte de Allan Kardec não arrefeceu a aceitação das opiniões expostas por ele, e que são aceitas por aqueles que sustentam que elas são a base, mas somente a base do novo desenvolvimento da verdade religiosa predita por Cristo; o início da revelação prometida de "muitas coisas" que foram "escondidas desde a fundação do mundo", e para o conhecimento de que a raça humana "não estava pronta" no momento daquela previsão.

Ao executar, com fidelidade escrupulosa, a tarefa que lhe foi confiada por Allan Kardec, a biógrafa seguiu, em todas as citações do Novo Testamento, a versão de Le Maistre de Sacy, a qual sempre foi usada por Allan Kardec.

Paris, 1875.

² Às vésperas do primeiro aniversário de sua desencarnação, seus despojos mortais foram realocados para um túmulo no Cemitério do Père-Lachaise, onde hoje se encontra um dólmen especialmente construído no estilo druida, em menção a uma das reencarnações do codificador espírita, quando era um sacerdote druida, exatamente quando se chamava Allan Kardec, conforme revelação de um Espírito familiar.

Biography of Allan Kardec

(The Spirit's Book - Boston, 1875)

By Anna Blackwell

In presenting to her countrymen a work which has long since obtained a wide acceptance on the Continent, the translator has thought that a brief notice of its author, and of the circumstances under which it was produced, might not be without interest for English readers.

Léon-Dénizarth-Hippolyte Rivail, better known by his nom de plume of **Allan Kardec**, was born at Lyons, on the 4th of October 1804, of an old family of Bourg-en-Bresse, that had been for many generations honourably distinguished in the magistracy and at the bar. His father, like his grandfather, was a barrister of good standing and high character; his mother, remarkably beautiful, accomplished, elegant, and amiable, was the object, on his part, of a profound and worshipping affection, maintained unchanged throughout the whole of his life.

Educated at the Institution of Pestalozzi, at Yverdun (Canton de Vaud), he acquired at an early age the habit of investigation and the freedom of thought of which his later life was destined to furnish so striking an example. Endowed by nature with a passion for teaching, he devoted himself, from the age of fourteen, to aiding the studies of those of his schoolfellows who were less advanced than himself; while such was his fondness for botany, that he often spent an entire day among

the mountains, walking twenty or thirty miles, with a wallet on his back, in search of specimens for his herbarium. Born in a Catholic country, but educated in a Protestant one, he began, while yet a mere boy, to meditate on the means of bringing about a unity of belief among the various Christian sects—a project of religious reform at which he laboured in silence for many years, but necessarily without success, the elements of the desired solution not being at that time in his possession.

Having finished his studies at Yverdun, he returned to Lyons in 24, with the intention of devoting himself to the law; but various acts of religious intolerance to which he unexpectedly found himself subjected led him to renounce the idea of fitting himself for the bar, and to take up his abode in Paris, where he occupied himself for some time in translating Telemachus and other standard French books for youth into German. Having at length determined upon his career, he purchased, in 1828, a large and flourishing educational establishment for boys, and devoted himself to the work of teaching, for which, by his tastes and acquirements, he was peculiarly fitted. In 1830 he hired, at his own expense, a large hall in the Rue de Sèvres, and opened therein courses of gratuitous lectures on Chemistry, Physics, Comparative Anatomy, and Astronomy. These lectures, continued by him through a period of ten years, were highly successful, being attended by an auditory of over five hundred persons of every rank of society, many of whom have since attained to eminence in the scientific world.

Always desirous to render instruction attractive as well as profitable, he invented an ingenious method of computation, and constructed a mnemotechnic table of French history, for assisting students to remember the remarkable events and discoveries of each reign.

Of the numerous educational works published by him may be mentioned, *A Plan for the Improvement of Public Instruction*, submitted by him in 1828 to the French Legislative Chamber, by which body it was highly extolled, though not acted upon; *A Course of Practical and Theoretic Arithmetic*, on the Pestalozzian System, for the use of Teachers and Mothers (1829); *A Classical Grammar of the French Tongue* (1831);

A Manual for the use of Candidates for Examination in the Public Schools; with Explanatory Solutions of various Problems of Arithmetic and Geometry (1848); Normal Dictations for the Examinations of the Hotel de Ville and the Sorbonne, with Special Dictations on Orthographic Difficulties (1849) These works, highly esteemed at the time of their publication, are still in use in many French schools; and their author was bringing out new editions of some of them at the time of his death.

He was a member of several learned societies; among others, of the Royal Society of Arras, which, in 1831, awarded to him the Prize of Honour for a remarkable essay on the question, "What is the System of Study most in Harmony with the Needs of the Epoch?" He was for several years Secretary to the Phrenological Society of Paris, and took an active part in the labours of the Society of Magnetism, giving much time to the practical investigation of somnambulism, trance, clairvoyance, and the various other phenomena connected with the mesmeric action. This brief outline of his labours will suffice to show his mental activity, the variety of his knowledge, the eminently practical turn of his mind, and his constant endeavour to be useful to his fellow-men.

When, about 1850, the phenomenon of "table-turning" was exciting the attention of Europe and ushering in the other phenomena since known as "spiritist", he quickly divined the real nature of those phenomena, as evidence of the existence of an order of relationships hitherto suspected rather than known-viz., those which unite the visible and invisible worlds.

Foreseeing the vast importance, to science and to religion, of such an extension of the field of human observation, he entered at once upon a careful investigation of the new phenomena. A friend of his had two daughters who had become what are now called "mediums." They were gay, lively, amiable girls, fond of society, dancing, and amusement, and habitually received, when "sitting" by themselves or with their young companions, "communications" in harmony with their worldly and somewhat frivolous disposition. But, to the surprise of all concerned, it was found that, whenever he was present, the messages transmitted

through these young ladies were of a very grave and serious character; and on his inquiring of the invisible intelligences as to the cause of this change, he was told that "Spirits of a much higher order than those who habitually communicated through the two young mediums came expressly for him, and would continue to do so, in order to enable him to fulfil an important religious mission."

Much astonished at so unlooked-for an announcement, he at once proceeded to test its truthfulness by drawing up a series of progressive questions in relation to the various problems of human life and the universe in which we find ourselves, and submitted them to his unseen interlocutors, receiving their answers to the same through the instrumentality of the two young mediums, who willingly consented to devote a couple of evenings every week to this purpose, and who thus obtained, through table-rapping and planchette-writing, the replies which have become the basis of the spiritist theory, and which they were as little capable of appreciating as of inventing.

When these conversations had been going on for nearly two years, he one day remarked to his wife, in reference to the unfolding of these views, which she had followed with intelligent sympathy: "It is a most curious thing! My conversations with the invisible intelligences have completely revolutionized my ideas and convictions. The instructions thus transmitted constitute an entirely new theory of human life, duty, and destiny, that appears to me to be perfectly rational and coherent, admirably lucid and consoling, and intensely interesting. I have a great mind to publish these conversations in a book; for it seems to me that what interests me so deeply might very likely prove interesting to others." His wife warmly approving the idea, he next submitted it to his unseen interlocutors, who replied in the usual way, that it was they who had suggested it to his mind, that their communications had been made to him, not for himself alone, but for the express purpose of being given to the world as he proposed to do, and that the time had now come for putting this plan into execution. "To the book in which you will embody our instructions," continued the communicating intelligences, "you will give, as being our work rather than yours, the title of *Le Livre des*

Esprits (The Spirits' Book); and you will publish it, not under your own name, but under the pseudonym of Allan Kardec³. Keep your own name of Rivail for your own books already published; but take and keep the name we have now given you for the book you are about to publish by our order, and, in general, for all the work that you will have to do in the fulfilment of the mission which, as we have already told you, has been confided to you by Providence, and which will gradually open before you as you proceed in it under our guidance."

The book thus produced and published sold with great rapidity, making converts not in France only, but all over the Continent, and rendering the name of Allan Kardec "a household word" with the readers who knew him only in connection with it; so that he was thenceforth called only by that name, excepting by his old personal friends, with whom both he and his wife always retained their family-name. Soon after its publication, he founded The Parisian Society of Psychologic Studies, of which he was President until his death, and which met every Friday evening at his house, for the purpose of obtaining from spirits, through writing mediums, instructions in elucidation of truth and duty.

He also founded and edited until he died a monthly magazine, entitled *La Revue Spirite, Journal of Psychologic Studies*, devoted to the advocacy of the views set forth in *The Spirit's Book*.

Similar associations were speedily formed all over the world. Many of these published periodicals of more or less importance in support of the new doctrine; and all of them transmitted to the Parisian Society the most remarkable of the spirit-communications received by them. An enormous mass of spirit-teaching, unique both in quantity and in the variety of the sources from which it was obtained, thus found its way into the hands of Allan Kardec by whom it was studied, collated, coordinated, with unwearied zeal and devotion, during a period of fifteen years. From the materials thus furnished to him from every quarter of the globe he enlarged and completed *The Spirits' Book*, under the direction of the spirits by whom it was originally dictated; the

³ An old Briton name in his mother's family.

"Revised Edition" of which work, brought out by him in 1857 has become the recognized textbook of the school of Spiritualist Philosophy so intimately associated with his name. From the same materials he subsequently compiled four other works, viz., *The Mediums' Book* (a practical treatise on Medianimity and Evocations), 1861; *The Gospel as Explained by Spirits* (an exposition of morality from the spiritist point of view), 1864; *Heaven and Hell* (a vindication of the justice of the divine government of the human race), 1865; and *Genesis* (showing the concordance of the spiritist theory with the discoveries of modern science and with the general tenor of the Mosaic record as explained by spirits), 1867. He also published two short treatises, entitled *What is Spiritism?* and *Spiritism Reduced to its Simplest Expression*.

It is to be remarked, in connection with the works just enumerated, that Allan Kardec was not a "medium," and was consequently obliged to avail himself of the medianimity of others in obtaining the spirit-communications from which they were evolved. The theory of life and duty, so immediately connected with his name and labours that it is often erroneously supposed to have been the product of his single mind or of the spirits in immediate connection with him, is therefore far less the expression of a personal or individual opinion than are any other of the spiritualistic theories hitherto propounded; for the basis of religious philosophy laid down in his works was not, in any way, the production of his own intelligence, but was as new to him as to any of his readers, having been progressively educed by him from the concurrent statements of a legion of spirits, through many thousands of mediums, unknown to each other, belonging to different countries, and to every variety of social position.

In person, Allan Kardec was somewhat under middle height. Strongly built, with a large, round, massive head, well-marked features, and clear grey eyes, he looked more like a German than a Frenchman. Energetic and persevering, but of a temperament that was calm, cautious, and unimaginative almost to coldness, incredulous by nature and by education, a close, logical reasoner, and eminently practical in thought and deed, he was equally free from mysticism and from

enthusiasm. Devoid of ambition, indifferent to luxury and display, the modest income he had acquired from teaching and from the sale of his educational works sufficed for the simple style of living he had adopted, and allowed him to devote the whole of the profits arising from the sale of his spiritist books and from the *Revue Spirite* to the propagation of the movement initiated by him. His excellent wife relieved him of all domestic and worldly cares, and thus enabled him to consecrate himself entirely to the work to which he believed himself to have been called, and which he prosecuted with unswerving devotion, to the exclusion of all extraneous occupations, interests, and companionships, from the time when he first entered upon it until he died. He made no visits beyond a small circle of intimate friends, and very rarely absented himself from Paris, passing his winters in the heart of the town, in the rooms where he published his *Revue*, and his summers at the Villa Ségur, a little semi-rural retreat which he had built and planted, as the home of his old age and that of his wife, in the suburban region behind the Champ de Mars, now crossed in every direction by broad avenues and being rapidly built over, but which at that time was a sort of waste land that might still pass for "the country."

Grave, slow of speech, unassuming in manner, yet not without a certain quiet dignity resulting from the earnestness and single-mindedness which were the distinguishing traits of his character, neither courting nor avoiding discussion, but never volunteering any remark upon the subject to which he had devoted his life, he received with affability the innumerable visitors from every part of the world who came to converse with him in regard to the views of which he was the recognized exponent, answering questions and objections, explaining difficulties, and giving information to all serious inquirers, with whom he talked with freedom and animation, his face occasionally lighting up with a genial and pleasant smile, though such was his habitual sobriety of demeanour that he was never known to laugh.

Among the thousands by whom he was thus visited were many of high rank in the social, literary, artistic, and scientific worlds. The Emperor Napoleon III., the fact of whose interest in spiritist phenomena

was no mystery, sent for him several times, and held long conversations with him at the Tuileries upon the doctrines of *The Spirits' Book*.

Having suffered for many years from heart-disease, Allan Kardec drew up, in 1869, the plan of a new spiritist organisation, that should carry on the work of propagandism after his death. In order to assure its existence, by giving to it a legal and commercial status, he determined to make it a regularly constituted joint-stock limited liability publishing and bookselling company, to be constituted for a period of ninety-nine years, with power to buy and sell, to issue stock, to receive donations and bequests, etc. To this society, which was to be called "The Joint Stock Company for the Continuation of the Works of Allan Kardec," he intended to bequeath the copyright of his spiritist writings and of the *Revue Spirite*.

But Allan Kardec was not destined to witness the realization of the project in which he took so deep an interest, and which has since been carried out with entire exactitude by his widow.

On the 31st of March 1869, having just finished drawing up the constitution and rules of the society that was to take the place from which he foresaw that he would soon be removed, he was seated in his usual chair at his study-table, in his rooms in the Rue Sainte Anne, in the act of tying up a bundle of papers, when his busy life was suddenly brought to an end by the rupture of the aneurysm from which he had so long suffered. His passage from the earth to the spirit-world, with which he had so closely identified himself, was instantaneous, painless, without a sigh or a tremor; a most peaceful falling asleep and reawaking-fit ending of such a life.

His remains were interred in the cemetery of Montmartre, in presence of a great concourse of friends, many hundreds of whom assemble there every year, on the anniversary of his decease, when a few commemorative words are spoken, and fresh flowers and wreaths, as is usual in Continental graveyards, are laid upon his tomb.

It is impossible to ascertain with any exactness the number of those who have adopted the views set forth by Allan Kardec; estimated by themselves at many millions, they are incontestably very numerous.

The periodicals devoted to the advocacy of these views in various countries already number over forty, and new ones are constantly appearing. The death of Allan Kardec has not slackened the acceptance of the views set forth by him, and which are believed by those who hold them to be the basis, but the basis only, of the new development of religious truth predicted by Christ; the beginning of the promised revelation of "many things" that have been "kept hidden since the foundation of the world," and for the knowledge of which the human race was "not ready" at the time of that prediction.

In executing, with scrupulous fidelity, the task confided to her by Allan Kardec, the translator has followed, in all quotations from the New Testament, the version by Le Maistre de Sacy, the one always used by Allan Kardec.

Anna Blackwell

Epílogo

Reconhecemos a interessante biografia de Kardec através de Henri Sausse, que, não obstante tenha anotado fatos inconsistentes, a exemplo de Kardec ter sido médico e/ou maçom — pois sabemos que o codificador não o foi. Todavia, reconhecemos seu valor literário até mesmo porque foram prefaciadas em dois momentos no século XX seja por Léon Denis, seja pelo Gabriel Delanne daí a sua importância.

Há um trabalho biográfico de Kardec de autoria de André Moreil (muito tendencioso e insolente), assim como também existem as boas produções de Sir Arthur Conan Doyle.

No que reporta a Anna Blackwell, sabemos que ela exerceu mediunidade em grupos próximos a Kardec e a ela foi solicitado pelo próprio Kardec a tradução das obras espíritas para ao inglês e ela aceitou o convite e o fez com muito amor. Portanto, conhecia detalhes que poucos conheceram.

Há alguns “biógrafos”, porém cada um desses autores executou um plano diferente de pesquisa e montou fontes, ao alcance da mão, à época em que escreveram. Essas fontes, porém, não foram sempre bem conferidas, deixando, às vezes, certas informações ou dados, de serem criteriosamente documentados.

Conhecemos os três volumes de Zeus Wantuil e Francisco Thiesen que em alguns momentos enfraquecem a figura de Kardec. Os autores apresentam fontes robustas e interessantes, mas identificamos infelizmente as aventureiras interpretações de cunho pessoal desses dois fanáticos roustanguistas. Uma lástima!

Há outras obras surgidas de meio século para cá, versando sobre episódios da vida de Alan Kardec, ou tratando da Doutrina e do

Movimento, da Revelação, de forma insensata, afrontando ao viés científico e à precisão, injuriando o juízo da apropriada anotação histórica ou biográfica.

Há poucos críticos literários que se debruçam sobre tais biografias duvidosas, portanto, infelizmente tais livros não têm recebido tratamento analítico e crítico apropriado como fez no passado recente o grande Hermínio C. Miranda.

Presentemente há desinteresse e obviamente insuficientes estudiosos sobre a biografia do ínclito lionês.

